

Nizar Qabbani, um poeta árabe contemporâneo

Safa Jubran e Paulo Farah

Conforme tópica bastante difundida, conta-se que Nizar Qabbani (1923-98), poeta de origem síria, demonstrava sensibilidade artística desde pequeno. Aos dezenove anos, escreveu seu primeiro livro, *A morena me disse*. Em pouco tempo, tornou-se um dos poetas árabes contemporâneos mais lidos.

Basicamente, a obra de Qabbani é marcada por dois momentos: um deles, essencialmente romântico, lhe valeu o epíteto de “poeta das mulheres”, além de críticas acirradas a seu vanguardismo, feitas por acadêmicos conservadores – mais tarde criticados e desprezados pelo poeta.

Outro momento é o político, que se inicia em 1967, quando Israel ocupa a faixa de Gaza e a península do Sinai. O poeta lastima especialmente a conquista de Jerusalém (*Chorei até que as lágrimas findassem/Orei até que as velas se derretessem*). Desde então, pode-se constatar na obra de Qabbani um discernimento crítico da vida política e social: sem prejuízo da temática romântica, ele se torna um poeta engajado, e isso até o fim de seus dias. Em 1970, a morte do presidente egípcio Gamal Abdul Nasser, que teve o maior funeral da história daquele país, gerou um desafio no livro *“La” (Não)*, do qual se selecionaram dois poemas traduzidos adiante.

Qabbani, doce e colérico, foi um poeta movido pela paixão. Era apaixonado quando versava sobre as mulheres e quando

contestava e criticava. Em vários poemas, chegou a atacar a literatura feita sob moldes antigos e rígidos, conformes a uma tradição temática e formal conservadora. No poema "Quando decretarão a morte dos árabes", em que deixa transbordar sua paixão, decepção, mágoa e tristeza, há uma estrofe que evidencia sua intenção de se desvencilhar da 'ditadura do arcaísmo': *"Tento das palavras me desvencilhar/ e da maldição do sujeito e predicado;/ tento a poeira de mim espanar,/o rosto, com água da chuva, lavar,/à ditadura das areias, renunciar: Adeus Quraich, Adeus Kulaib/ Adeus Múdar"*¹

Um fato marcante influencia a vida e a obra de Qabbani: em 1979, a Embaixada do Iraque no Líbano foi bombardeada e a esposa do poeta, a iraquiana Balqis, morta. Inconformado, dedica-lhe um poema e passa a empregar um tom de crítica cada vez mais acentuado em relação à situação no Oriente Médio. Sua decepção relativamente à política oportunista dos dirigentes árabes começa a ser tematizada na maioria de suas composições e sua revolta se intensifica com o passar do anos, sendo registrada em versos irados e apaixonados, que acompanhavam cada fato novo da história política e social do mundo árabe.

Em 1966, aposentando-se da função de diplomata, Qabbani continuou, no entanto, a atuar como embaixador extra-oficial das vozes insurretas dentro e fora do mundo árabe, apesar de ele mesmo insistir em considerar sua situação como a de "exilado na própria terra".

No que se refere à obra de Qabbani, pode-se dizer que sua poesia alia a simplicidade formal à profundidade do conteúdo; seus versos, muitas vezes brancos, em nada diminuem o estatuto por assim dizer "poético" de suas poesias, e outros elementos estilísticos e expressivos contribuem para comprovar sua

1 Os termos em negrito consistem em nomes de tribos árabes famosas citadas e recitadas pela poesia clássica árabe.

genialidade em tecer versos e firmar sua posição de poeta que 'dizia o que o povo sentia'.

A obra de Qabbani difundiu-se no Ocidente a partir traduções para diversas línguas (inglês, francês, alemão etc., mas não em português) e participações em congressos e saraus literários a convite de grandes centros europeus e norte-americanos: sua temática universalista, a um só tempo "romântica" e "engajada", não se restringiu a um espaço particular, tendo conseguido transpor as fronteiras geográficas e lingüísticas e alcançando a admiração de leitores de todo o mundo.

As traduções aqui apresentadas devem ser vistas como simples tentativa de apresentar ao leitor brasileiro alguns exemplos desses dois momentos distintivos e não-excludentes da poesia de Qabbani, que foi reunida em mais de 20 livros, sem contar os textos publicados em jornais, periódicos e revistas literárias. Na tradução dos poemas abaixo, não houve preocupação em preservar eventuais rimas presentes no texto original; contudo, algumas construções típicas do árabe (como a repetição da conjunção 'e'), consideradas estilisticamente belas e expressivas nessa língua, mas que produzem um efeito pleonástico e cansativo em português, foram atenuadas e, em vários momentos, a ordem característica da oração árabe, em que o verbo precede o sujeito, não foi mantida.

كل عام وأنت حبيبتي

(١)

كل عام وأنت حبيبتي..
أقولها لك بكل بساطة...
كما يقرأ طفل صلاته قبل النوم
وكما يقف عصفور على سنبله قمح..
فتزداد الأزاهير المشغولة على ثوبك الأبيض..
زهرة
وتزداد المراكب المنتظرة في مياه عينيك...
مركباً
أقولها لك بحرارة ونزق
كما يضرب الراقص الإسباني قدمه بالأرض
فتشكل ألوف الدوائر
حول محيط الكرة الرضية..

(٢)

كل عام وأنت حبيبتي
هذه هي الكلمات الأربع
التي سألفها بشريط من القصب
وأرسلها إليك ليلة رأس السنة.
كل البطاقات إلى يبيعونها في المكتبات
لا تقول ما أريده..
وكل الرسوم التي عليها
من شموع.. وأجراس.. وأشجار.. وكرات ثلج
وأطفال.. وملائكة
لا تنسبني..

إنني لا ارتاح للبطاقات الجاهزة
ولا للقصائد الجاهزة
ولا للتمنيات التي يرسم التصدير
فهي كلها مطبوعة في باريس، أو لندن أو أمستردام
ومكتوبة بالفرنسية أو الإنكليزية
لتصلح لكل المناسبات
وأنت لست امرأة المناسبات
بل أنت المرأة التي أحب
أنت الوجع اليومي
الذي لا يقال ببطاقات المعايدة
ولا يقال بالحروف اللاتينية
ولا يقال بالمراسلة
وإنما يقال عندما تدق الساعة منتصف الليل
وتدخلين كالسمكة إلى مياهي الدافئة
وتستحمين هناك
ويسافر فمي في غابات شعرك الفجري
ويستوطن هناك

(٣)

لأنني أحبك
تدخل السنة الجديدة علينا بخول الملوك
ولأنني أحبك
أحمل تصريحاً خاصاً من الله
بالتجول بين ملايين النجوم..

(٤)

لن نشترى هذا العيد شجرة
ستكونين أنت الشجرة
وسأعلق عليك
أمنياتي وصلواتي
وقناديل دموعي..

(٥)

كل عام وأنت حبيبتي
أمنية أخاف أن أتمناها
حتى لا اتهم بالطمع والغرور
فكرة أخاف أن أفكر بها
حتى لا يسرقها الناس مني
ويزعموا أنهم أول من اخترع الشعر..

(٦)

كل عام وأنت حبيبتي
كل عام وأنا حبيبك
أنا اعرف إنني أتمنى أكثر مما ينبغي
واحلم أكثر من الحد المسموح
ولكن
من له الحق أن يحاسبني على أحلامي؟
من يحاسب الفقراء؟
إذا حلموا أنهم جلسوا على العرش لمدة خمس دقائق؟
من يحاسب الصحراء إذا توحّمت على جدول ماء؟

هناك ثلاث حالات يصبح فيها الحلم شرعياً:
حالة الجنون..
وحالة الشعر..
وحالة التعرف على امرأة مدهشة مثلك
وأنا أعاني - لحسن الحظ -
من الحالات الثلاث..

(٧)

أترك عشيرتك
وأتبعيني إلى مغتربي الداخلية
أترك قبعة الورق
وموسيقى الجيرك
والملابس التنكرية
واجلسي معي تحت شجر البرق
وعبأة الشعر الزرقاء
وسأعطيك بمعظفي من مطر بيروت
وسأسقيك نبيذاً احمر
من أقبية الرهبان
وسأصنع لك طبقاً إسبانيا
من فواقع البحر
اتبعيني - يا سيدتي - إلى شوارع الحلم الخلفية
فلسوف أطلعك على قصائد لم أقرأها لأحد
وسأفتح لك حقائب دموعي
التي لم أفتح لأحد
ولسوف أحبك
كما لم أحب أحد..

(٨)

عندما تدق الساعة الثانية عشرة
وتفقد الكرة الأرضية توازنها
ويبدأ الراقصون يفكرون بأقدامهم
سأنتسحب إلى داخل نفسي
وأسحبك معي
فأنت امرأة لا ترتبط بالفرح العلم
ولا بالزمن العام
ولا بهذا السيرك الكبير الذي يمر أمامنا
ولا بتلك الطبول الوثنية التي تفرح حولنا
ولا بأقنعة الورق التي لا يبقى منها في آخر الليل
سوى رجال من ورق
ونساء من ورق..

(٩)

آه ، يا سيدتي
لو كان الأمر بيدي
أذن لصنعت سنة لك وحدك
تفصلين أيامها كما تريدين
وتسندين ظهرك على أساليبها كما تريدين
وتتشمسين..
وتستحمين..
وتركضين على رمال شهورها
كما تريدين..
آه.. يا سيدتي
لو كان الأمر بيدي

لأقمت عاصمة لك في ضاحية الوقت
لا تأخذ بنظام الساعات الشمسية والرملية
ولا يبدأ فيها الزمن الحقيقي
إلا..
عندما تأخذ يدك الصغيرة قبولتها
داخل يدي..

(١٠)

كل عام وعيناك أيقونتان بيزنطيتان
ونهداك طفلان أشقران
يتدحرجان على الثلج
كل عام.. وأنا متورط بك
وملاحق بتهمة حبك
كما السماء متهمة بالزرقة
والعصافير متهمة بالسفر
والشفة متهمة بالاستدارة
كل عام وأن مضروب بزلزالك
ومبلل بأمطارك
ومحفور - كالإناء الصيني - بتضاريس جسمك
كل عام وأنت.. لا أدري ما اسميك..
اختاري أنت أسماءك
كما تختار النقطة مكانها على السطر
وكما يختار المشط مكانه في طيات الشعر
والى أن تختاري اسمك الجديد
اسمحي لي أن أتأديك:
" يا حبيبتي " ...

QUE TODO ANO VOCÊ SEJA MINHA AMADA

Safa Jubran

*Que todo ano você seja minha amada*¹
Digo com simplicidade de
reza de criança antes de dormir,
ou o descanso, na espiga de trigo, de um passarim.
No vestido branco, mais uma flor;
nas águas dos olhos, mais um navio a esperar .
Digo com calor e ira de
pés batendo o chão –dançarino espanhol–,
mil círculos a formar
em torno da terra.

Que todo ano você seja minha amada.
Sete palavras
embrulho com laço:
meu presente de ano novo;
os cartões não dizem o meu querer;
todos os desenhos que eles contêm,
(velas, sinos, árvores, bolas de neve,
crianças, anjos)
nada disso me convém:
não me agradam os cartões prontos
nem os poemas prontos
nem os votos para exportação,
feitos em Paris, Londres e Amsterdã
escritas em francês ou inglês
servindo a toda ocasião:

1 Um jogo de palavras a partir da expressão árabe *Kul 'ám wa anta bikhayr* (que todo ano você esteja bem) usada para saudações em ocasiões festivas, especialmente na passagem de ano.

mas você não é mulher de ocasião;
você, a mulher que amo,
você, a dor diária
que não se escreve em cartões,
que não se diz em letras latinas
e nem por correspondência se diz.
Mas sim, quando chega meia-noite,
você, peixe, penetra em minhas águas cálidas, se banha,
minha boca explora florestas ciganas, seu cabelo
e por lá fica.

Porque amo você,
o ano novo, rei que chega,
e porque amo você
carrego permissão especial de Deus
para passear entre estrelas mil

Este ano, árvore não vamos comprar:
você será a árvore,
e disponho sobre você
meus desejos e orações,
minhas lágrimas, lampiões.
Que todo ano você seja minha amada.
Desejo que temo
para não ser acusado de ambição e pretensão,
idéia que temo alguém roubar
e ser o inventor da poesia ele alegar.

Que todo ano você seja minha amada,
que todo ano, eu seu amado.
Desejo fora do merecido,
sonho além do permitido,
mas quem tem o direito de me censurar por meus sonhos?
Quem censura ao pobre o sentar no trono,

por cinco minutos, um sonho?
Quem censura ao deserto
o pedir um riacho, um desejo?
Em três casos o sonho é legal:
caso de loucura,
caso de poesia,
e caso de conhecer uma mulher
estonteante como você.
E eu –felizmente– sofro os três casos.

Deixe sua tribo,
siga-me para minhas cavernas,
largue o chapéu de papel,
e a desajeitada melodia,
e a roupa de fantasia.
Sente-se comigo na sombra, anestesia:
azul é o véu da poesia;
meu casaco protege você das chuvas de Beirute;
ofereço-lhe vinho tinto
das adegas dos monges,
faço- lhe um prato espanhol
de frutos do mar.
Siga-me, senhora minha, para os descaminhos dos sonhos:
lhe mostrarei poemas nunca antes lidos,
lhe abrirei baús de lágrimas nunca antes abertos,
amarei você como nunca amei antes

Quando chegar a meia-noite
e a terra desequilibrar-se,
quando os dançarinos começarem a pensar com os pés
vou me retirar para dentro de mim
e comigo levarei você.
Não é uma mulher pertencente à alegria

comum, você,
e nem ao tempo comum
e nem ao grande circo que passa
e nem aos tambores pagãos que tocam
e tampouco às máscaras de papel.
Finda, no final da noite, só sobram
homens de papel e mulheres de papel.

Ah, minha senhora,
se fosse de alcance meu
construiria um ano só para você
poder seus dias recortar como quiser,
em suas semanas apoiar as costas como quiser
tomar sol e se banhar
nas areias do meses, correr como quiser.

Ah, minha senhora,
se fosse de alcance meu
ergueria para você uma capital
na zona temporal
que não seguisse o relógio solar nem o areal,
o tempo verdadeiro só começa a contar
quando sua pequena mão fizer a sesta
dentro da minha.

Que todo ano seus olhos permaneçam
ícones bizantinos;
seus seios, crianças loiras na neve a brincar.
Que todo ano eu esteja enredado em você,
acusado por amar
como o céu é acusado por azular
e o pássaro, por viajar
e o lábio, por se arredondar.

Que todo ano eu seja atingido por seu terremoto,
molhado por suas águas
e tisonado –feito vaso chinês– pela geografia de seu corpo

Que todo ano você... não sei como dizer:
seus nomes, você escolhe
como o ponto escolhe seu lugar na linha
como o pente escolhe seu lugar na dobras do cabelo.
E, até você escolher seu novo nome,
permita-me que a chame
“minha amada”.

الحاكم والعصفور

أتجول في الوطن العربي
لاقرأ شعري للجمهور
فأنا مقتنع
أنّ الشعر رغيف خبز يخبز للجمهور
وأنا مقتنع – منذ بدأت –
بأن الأحرف أسماك
وبأن الماء هو الجمهور

*

أتجول في الوطن العربي
وليس معي إلا دفتر
يرسلني المخفر للمخفر
يرميني الصكر للصكر
وأنا لا أحمل في جيبتي إلا عصفور

لكن الضابط يوقفني
ويؤيد جوازاً للعصفور
تحتاج الكلمة في وطني
لجواز مرور

أبقى ملحوشاً ساعات
منتظراً فرمان المأمور
أتأمل في أكياس الرمل
ودمعي في عيني بحور
وأمامي كانت لافتة
تتحدث عن (وطن واحد)
تتحدث عن (شعب واحد)
وأنا كالجرذ هنا قاعد
أتقيأ أحزاني..

وأدوس جميع شعارات الطيشور
وأظل على باب بلادي مرمياً..
كالقدح المكسور

○ DÉSPOTA E O PÁSSARO

Safa Jubran

Nas terras árabes, a perambular
e, para o povo, a meus versos recitar,
convicto de que a poesia é um pão
destinado ao povo,
convicto –desde o início– que
peixes são as letras
e o povo é o mar.

Nas terras árabes, a perambular,
só tenho um caderno;
me jogam de posto em posto,
me mandam de inferno a inferno,
só um pássaro tenho no bolso.

Mas o oficial me pára
exigindo do pássaro um passaporte:
a palavra na minha terra precisa de passaporte.

Detido horas eu fico,
o indulto, de quem manda, eu espero,
sacos de areia eu vejo,
marejam-me os olhos.
Em frente, a placa: 'uma só pátria, um só povo',
e eu aqui, feito rato, sentado só,
vomito minha dor,
piso nos dizeres de giz
às portas do meu país,
jogado, feito cálice quebrado.

طريق واحد

أريد بندقية..
خاتم أمي بعته
من أجل بندقية
محفظتي رهنها
دفاتري رهنها
من أجل بندقية..
اللغة التي بها درسنا
الكتب التي بها قرأنا..
قصائد الشعر التي حفظنا
ليست تساوي درهماً
أمام بندقية..

أصبح عندي الآن بندقية..
إلى فلسطين خذوني معكم
إلى ربي حزينه كوجه مجلدية
إلى القباب الخضر.. والحجارة النبية
عشرون عاماً.. وأنا
أبحث عن أرض وعن هوية
أبحث عن بيتي الذي هناك

وعن وطني المحاط بالأسلاك
أبحث عن طفولتي..
وعن رفاقي حارتي..
عن كل ركن دافئ.. وكل مزهية..

أصبح عندي الآن بندقية
إلى فلسطين خذوني معكم
يا أيها الرجال..
أريد أن أعيش أو أموت كالرجال
أريد أن اثبت في ترابها
زيتونة، أو حقل يرتقل..
أو زهرة شذية
قولوا من يسأل عن قضيتي
بارودتي صارت هي القضية..

أصبح عندي الآن بندقية..
أصبحت في قائمة الثوار
أفترش الأشواك، والغبار
والبس المنية..
مشيئة الأقدار لا تردني
أنا الذي لأغير الأقدار

يا أيها الثوار..
في القدس، في الجليل،
في بيسان، في الأغوار..
في بيت لحم، حيث كنتم أيها الأحرار
تقدموا.. تقدموا..
فقصة السلام مسرحية..
والعدل مسرحية..

إلى فلسطين طريق واحد
يمر من فوهة بندقية..

VIA ÚNICA

Paulo Daniel Farah

Quero um fuzil...
Vendi a aliança de minha mãe
Por causa de um fuzil
Empenhei minha carteira
Meus cadernos
Pela causa de um fuzil...
A língua que estudamos
Os livros que lemos...
Poemas que decoramos
Não valem um centavo...
Diante de um fuzil...

Agora tenho um fuzil...
Levem-me à Palestina
Aos montes sombrios como a face de Madalena
Aos verdes domos... E às pedras proféticas
Vinte anos... E eu
Em busca de terra e identidade
De minha casa, ali
Da pátria, murada de arame farpado
Em busca de minha infância...
Dos camaradas do bairro...
Dos livros... Retratos...
De cada canto que aquece...
De cada vaso de flor...

Agora tenho um fuzil
Levem-me à Palestina
Oh, homens...

Quero viver ou morrer como os homens
Quero... brotar em sua terra
Oliveira, pomar de laranja...
Ou flor aromal
Digam... a quem indagar minha causa
Minha espingarda... tornou-se a causa

Agora tenho um fuzil...
Integro o rol dos revolucionários
Deito-me com os espinhos e o pó
Visto a morte...
O intento do destino não responde
Sou eu quem muda a sina
Oh, revolucionários...
Em Al Quds¹, Al Khalil²
Bissan, Al Aghuar...
Em Belém, onde estavam, livres
Avancem...
Avancem...
Essa história de paz é um teatro...
A justiça é um teatro...
Para a Palestina, a via é única
E passa pelo cano de um fuzil.

1 Al Quds - denominação árabe para Jerusalém

2 Al Khalil - denominação árabe para Hebron

درس في الرسم

يضع ابني علبة ألوانه أمامي
ويطلب مني أن أرسم له عصفوراً
أعط الفرشاة باللون الرمادي
وأرسم له مربعاً عليه قفل.. وقضبان
يقول لي ابني والدهشة تملأ عينيه:
” .. ولكن هذا سجن..“
ألا تعرف، يا أبي، كيف ترسم عصفوراً؟؟“
أقول له: يا ولدي.. لا تؤاخذني
فقد نسيت شكل العصافير...

يضع ابني علبة أقلامه أمامي
ويطلب مني أن أرسم له بحراً..
أخذ قلم الرصاص،
وأرسم له دائرة سوداء..
يقول لي ابني:
”ولكن هذه دائرة سوداء، يا أبي..“
ألا تعرف أن لون البحر أزرق؟..“
أقول له: يا ولدي
كنت في زماني شاطراً في رسم البحار
أما اليوم.. فقد أخذوا مني الصنارة
وقارب الصيد
ومنعوني من الحوار مع اللون الأزرق
واصطياد سمك الحرية

يضع ابني كراسة الرسم أمامي
ويطلب مني أن أرسم له سنبله قمح.
أمسك القلم..

وأرسم له مسدساً..
يسخر ابني من جهلي في فن الرسم
ويقول مستغرباً:
" الا تعرف يا أبي الفرق بين السنبلّة.. والمسدس؟"
أقول له: يا ولدي
كنت أعرف في الماضي شكل السنبلّة
وشكل الرغيف
وشكل الوردة..
أما في هذا الزمن المعدنيّ
الذي انضمت فيه أشجار الغابة
إلى رجال الميليشيات
وأصبحت فيه الوردة تلبس الملابس المرقطة..
في زمن السنابل المسلحة
والثقافة المسلحة
والديانة المسلحة..
فلا رغيف أشتريه..
إلا وأجد في داخله مسدساً
ولا وردة أطفها من الحقل
إلا وترفع سلاحها في وجهي
ولا كتاب أشتريه من المكتبة
إلا وينفجر بين أصابعي...

يجلس ابني على طرف سريري
ويطلب مني أن أسمع قصيدة
تسقط مني دمعاً على الوسادة
فيلتقطها مذهولاً.. ويقول:
" ولكن هذه دمعاً، يا أبي، وليست قصيدة"
أقول له: عندما تكبر يا ولدي..
وتقرأ ديوان الشعر العربي

سوف تعرف أن الكلمة والدمعة شقيقتان
وأن القصيدة العربية..
ليست سوى دمعة تخرج من بين الأصابع..

يضع ابني أقلامه، وعلبة ألوانه أمامي
ويطلب مني أن أرسم له وطناً..
تهتز الفرشاة في يدي..
واسقط باكياً..

LIÇÃO DE DESENHO

Paulo Daniel Farah

Meu filho traz o estojo de pintura
E me pede a figura de um pássaro...
Embebo o pincel no cinza
E desenho um quadrado com cadeado... e barras
Diz-me, com espanto nos olhos:
Mas isso é uma prisão...
Pai, não sabes desenhar um pássaro??
Respondo: Meu filho... não me leves a mal
De fato esqueci a forma dos pássaros

Meu filho traz seu estojo de desenho
E me pede a figura de um mar...
Apanho um lápis
E desenho um círculo negro...
Diz-me:

Mas isso é um círculo negro, pai...
Não sabes desenhar um mar?
E não sabes que o mar é azul?
Respondo: Meu filho,
Em meu tempo, mares sabia desenhar
Quanto a hoje... Levaram a vara
E o barco de pesca
Proibiram-me dialogar com o azul
E o peixe da liberdade fisgar

Meu filho traz um caderno
E pede a figura de uma espiga de trigo
Apanho a caneta...
E desenho um revólver
Debocha do quanto ignoro as artes
E diz, surpreso:
Não conheces, pai, a diferença entre o trigo... e o revólver?
Respondo: Meu filho,
No passado, eu conhecia a forma da espiga
Do pão
E da rosa...
Mas, nesta era metálica,
Em que as árvores da floresta se uniram
Aos milicianos
Em que a rosa passou a ser camuflada
Na era dos trigais armados
Dos pássaros armados
Da cultura armada
E da fé armada...
Não há pão que eu compre
Que não contenha um revólver
Não há flor no campo que colha
Que não asseste um revólver contra minha face

Não há livro que compre¹
Que não venha a explodir entre os dedos...

Meu filho se senta à borda da cama
E pede que eu lhe declame um poema
Uma lágrima cai no travesseiro
Ele a apanha, atônito, e diz:
Mas isso é uma lágrima, meu pai, não um poema
Respondo:
Quando cresceres, meu filho,
E leres uma antologia de poesia árabe
Saberás que a palavra e a lágrima são irmãs
E que a poesia árabe...
Nada mais é do que uma lágrima que emerge dentre os
dedos...
Meu filho traz suas canetas e o estojo de pintura
E me pede a figura de uma pátria...
Estremece o pincel em minha mão...
E me desmancho em prantos...

1 No original, "Não há livro que eu compre da livraria". A origem comum de palavras como livro, livraria, livreiro, livrete e livresco, por exemplo, produz expressões, naturais em árabe, que jogam com a raiz comum dos vocábulos